

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE SURDOS: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE APODI-RN.

PEDAGOGICAL MEDIATION IN DEAF EDUCATION: EXPERIENCES OF TEACHERS AND LIBRAS INTERPRETERS IN A PUBLIC SCHOOL IN APODI-RN.

Thâmara Athais Alves Vieira Câmara¹

Mifra Angélica Chaves da Costa² (Orientadora)

RESUMO

Neste artigo, trazemos uma abordagem sobre a mediação entre professores, intérpretes e alunos surdos em sala de aula. Tendo como objetivo geral, analisar a mediação pedagógica entre professores e intérpretes de Libras em uma escola pública de Apodi-RN. O arcabouço teórico está organizado em: Maura Corcini (2012); Ronice Muller (1997); Gil (2002); Berberian (2012), onde por meio de seus estudos e pesquisas, deram suas contribuições para o melhoramento no desenvolvimento educacional voltado aos alunos surdos, como também, na interação entre professores e intérpretes. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e de campo, realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino, na cidade de Apodi-RN. Fizemos um questionário com um professor e uma intérprete, a fim de que pudéssemos identificar como ocorre a mediação pedagógica entre professores e intérpretes de Libras no ambiente escolar. Tivemos como resultados, a falta de preparo do professor para lecionar ao aluno surdo, bem como sua interação, uma vez que o docente não consegue se comunicar com aluno sem a presença da intérprete em sala de aula. Pudemos observar, as inúmeras barreiras as quais a intérprete enfrenta no seu dia a dia no ambiente de trabalho, uma vez que a mesma demonstrou sentir-se desvalorizada por parte de seus colegas professores, bem como sente falta de um planejamento coletivo.

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Letras – Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: thamara.vieira@alunos.ufersa.edu.br

² Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas. E-mail: mifra@ufersa.edu.br

Palavras-chave: Mediação pedagógica, intérprete de libras, educação inclusiva, barreiras educacionais.

RESUMO EM LIBRAS



PALAVRAS-CHAVE: Mediação pedagógica, intérprete de libras, educação inclusiva, barreiras educacionais.

ABSTRACT

This study presents an approach to the analysis and mediation between teachers, interpreters, and deaf students in the classroom, as well as a discussion on how pedagogical mediation develops between teachers and Libras interpreters in deaf education. The objective is to analyze how pedagogical mediation occurs between teachers and Libras interpreters in a public school in Apodi-RN. The theoretical framework is based on Maura Corcini (2012), Ronice Muller (1997), Gil (2002), and Berberian (2012), whose works have contributed to the improvement of educational development for deaf students, as well as the interaction between teachers and interpreters. This is a qualitative field study conducted in a public school within the state education system in Apodi-RN. A questionnaire was applied to both the teacher and the interpreter to identify how pedagogical mediation takes place in the school environment. The results indicated a lack of teacher preparedness to instruct deaf students, as well as difficulties in interaction, given that the teacher is unable to communicate with the student without the interpreter's presence in the classroom. Additionally, we observed the numerous challenges faced by the interpreter in their daily work environment, as they reported feeling undervalued by their fellow teachers and lacking collective planning.

Keywords: Pedagogical mediation, Libras interpreter, inclusive education, educational barriers.

1 INTRODUÇÃO

O acesso à educação é um direito para todas as pessoas, mas sabemos das dificuldades e potencialidades da rede pública de ensino. No caso dos alunos surdos, para garantir que eles

tenham um ensino de qualidade, precisamos que a escola esteja preparada com profissionais qualificados e também com materiais didáticos adequados que atendam as necessidades de cada um. No caso dos estudantes surdos, que seja um espaço bilíngue que promova a aprendizagem efetiva.

Esta pesquisa surgiu através de uma experiência vivida durante o estágio supervisionado como L1 II, com carga horária de 100h. Este estágio é direcionado para ensinar alunos surdos, a vivência neste estágio nos proporcionou observar a interação entre o professor, intérprete e aluno surdo. Identificar também as metodologias trabalhadas dentro da sala de aula, a partir dessas observações surgiu a motivação de saber mais como funcionava o papel do intérprete na sala de aula, a interação do professor com seu aluno, e a relação do aluno surdo com os demais colegas de sala. O estágio contabilizou 10 horas semanais, realizado em uma escola pública no município de Apodi, Rio Grande do Norte. Diante disso iremos investigar o seguinte problema: como se desenvolve a mediação pedagógica entre professores e intérpretes de Libras para o ensino de surdos em uma escola pública de Apodi-RN?

O objetivo geral da nossa pesquisa é analisar a mediação pedagógica entre professores e intérpretes de Libras em uma escola pública da cidade de Apodi-RN. Delineamos como objetivos específicos: problematizar a educação de surdos nos aspectos teóricos e legais; discutir sobre a conceituação e debates atuais de mediação pedagógica entre professor e intérprete, na perspectiva de ofertarem um processo educativo de qualidade para os estudantes surdos em Apodi-RN e refletir sobre os entraves e possibilidades no processo de mediação pedagógica entre professor, intérprete e aluno surdo na cidade Apodi-RN.

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, é regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de dezembro de 2005, que reconhece a Libras como a primeira língua da comunidade surda brasileira e o português escrito como segunda. Assegura também que é de direito do aluno surdo a presença do intérprete de língua de sinais em vários contextos educacionais. Este cenário levanta questões e destaca a necessidade de pesquisar mais sobre o papel do intérprete de Libras no contexto escolar.

A pesquisa é de cunho qualitativo e de campo, onde analisamos a mediação pedagógica entre professores e intérpretes de Libras em uma escola pública da cidade de Apodi-RN. O nome da instituição não foi citado neste trabalho pelo fato de não termos

autorização para mencionar o nome da escola. Realizamos questionários com os profissionais: um professor e uma intérprete de Libras da referida instituição.

O embasamento teórico desta pesquisa, deu-se por meio de estudos realizados: Maura Corcini(2012), referência na educação de surdos, bem como aborda a mediação pedagógica, com ênfase na inclusão escolar. Quadros(1997), com trabalhos voltados para a aquisição da língua e também um embasamento em práticas educacionais inclusivas.

O intérprete de Libras é indispensável para os alunos surdos em sala de aula, através do seu trabalho o aluno tenha acesso aos conteúdos como também as oportunidades de interação entre professor, alunos surdos e ouvintes. As leis de nº 12.319/10 e nº 14.704/23 regulamentam o exercício profissional do tradutor e intérprete de Libras, ele é responsável por realizar a tradução e interpretação de Libras para língua portuguesa como também de língua portuguesa para Libras. Estas leis são um marco muito importante para a comunidade surda, a valorização do profissional é fundamental para construção de uma sociedade mais acessível linguisticamente.

Diante do exposto, esta pesquisa tem por finalidade exercer contribuição ao campo de educação de surdos com percepções detalhadas em relação às práticas de mediação pedagógica entre professores e intérpretes. É essencial estudar como essas práticas são desenvolvidas em sala de aula, e as áreas que precisam melhorar, considerando que é importante a qualidade da mediação e ela pode impactar diretamente o desempenho acadêmico dos alunos surdos.

No quesito social, objetivamos melhorias na qualidade da educação aos surdos, identificando e promovendo práticas de ensino, melhorando a qualidade da educação ofertada aos discentes surdos, reforçando o papel da Língua Brasileira de Sinais como uma língua primordial para interação e comunicação dos alunos surdos, fortalecendo desta forma a comunidade surda.

Este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente com a introdução, destacando o problema, justificativa e objetivos de pesquisa. Em seguida, no referencial teórico que abordamos a importância de o professor saber a Libras, aquisição da língua, mediação pedagógica e a presença do intérprete de Libras. Na metodologia detalhamos os procedimentos da pesquisa, após a análise e discussão dos resultados, em seguida, apresentaremos as considerações finais e, por fim, referências.

2 Direito à Libras: legislação brasileira e a educação de surdos

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, assegura que a educação é um direito de todos e dever do Estado, devendo visar o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, que tem por finalidade, organizar a educação no Brasil, estabelecendo bases da educação nacional, propondo como o ensino deve ser aplicado, e mostrando os direitos e deveres do estado, da escola e dos alunos. A LDB ainda define os princípios, objetivos e estrutura da educação brasileira, partindo da educação básica, até o ensino superior. Um dos pontos de suma importância da LDB, é reconhecer que todos os cidadãos têm direito à educação, inclusive, pessoas com deficiência.

Em 24 de abril de 2002, entra em vigor a Lei nº 10.436, a qual garante à pessoa surda o direito de comunicar-se, educar-se e conviver em sociedade através de sua própria língua, bem como, torna a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial sendo o meio de comunicação e expressão da comunidade surda em todo território brasileiro.

Em contexto local, a Lei Ordinária 1727/21 de Apodi-RN, autoriza a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no currículo escolar. Esta Lei também disponibiliza intérpretes de Libras em eventos públicos na cidade. A implementação desta Lei representa um avanço importante na inclusão de surdos, é fundamental que o município também capacite professores e gestores para que toda comunidade escolar esteja preparada para promover um ambiente inclusivo. A lei foi aprovada, mas ainda não entrou em vigor, isso mostra o desrespeito com a comunidade surda e com a população.

O Decreto nº 5.626/2005 regulamenta a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) estabelecendo que: A Libras deve ser ofertada como disciplina curricular obrigatória em cursos de formação de professores e em cursos de fonoaudiologia; a administração pública deve incluir dotações orçamentárias para a formação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras; os estados, municípios e o Distrito Federal devem definir instrumentos para a implantação e controle do uso da Libras; escolas e classes de educação bilíngüe devem ser abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües; alunos surdos têm direito à escolarização em um turno diferenciado para o desenvolvimento de complementação curricular.

Também conhecida como Lei Brasileira da Inclusão (LBI) nº 13.146/2015, promove a inclusão social da pessoa com deficiência, tendo por objetivos: garantir o exercício de direitos e liberdades fundamentais, promover a cidadania das pessoas com deficiência.

A Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, modifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996, ao oficializar a modalidade bilíngue de surdos na educação brasileira. Essa lei, é de grande significância para os surdos, pois reforça a importância e o respeito que devemos ter para com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e português escrito como a segunda língua.

Ela ainda assegura, a oferta da educação bilíngue em todos os níveis e etapas; ambiente inclusivo e bilíngue, com professores surdos e ouvintes fluentes em Libras, além de intérpretes de Libras-Português, quando necessário; direito à educação plena, ou seja, os estudantes surdos devem ter garantido o direito à comunicação direta e plena, sem barreiras linguísticas; material didático exclusivo, ou seja, os materiais pedagógicos devem estar disponíveis em Libras, assegurando que o aluno surdo tenha acesso ao conteúdo educacional em sua primeira língua.

3. Mediação pedagógica: Desafios e possibilidades

A mediação pedagógica direcionada para o aluno surdo é um assunto muito importante a ser discutido, porém sabemos que não é tarefa fácil. Ainda existem muitas lacunas nesse processo como a: falta de acessibilidade linguística; ausência ou poucas formações para a equipe da escola; conhecimentos escassos sobre a Libras por parte dos professores e equipe escolar como também falta de materiais adequados para realidade daquele aluno.

Freire (1996) acreditava que o diálogo é um fundamento da comunicação e da colaboração entre os sujeitos, para ele, o diálogo é um momento em que os seres humanos se encontram para transformar a realidade e progredir, vendo como fundamental o diálogo entre o professor e aluno para a problematização de situações reais vividas, sendo ambos sujeitos do conhecimento e do aprendizado.

Segundo Vygotski, (1996, *apud* Barbosa e Fernandes, 2019, p. 39) “O conceito da mediação, está profundamente associado à abordagem sociointeracionista de Vigotski (1896 - 1924), sendo um dos princípios básicos de sua teoria a “Zona de Desenvolvimento Proximal” (ZDP)”. Para Vygotsky (1996) a Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP, refere-se quando

a criança consegue desenvolver suas habilidades de maneira independente, como também, com o apoio de outra pessoa.

Deste modo, a ZDP engloba todas as capacidades que possam ser aperfeiçoadas por intermédio de um adulto, podendo ser ele, o pai, a mãe, o professor, bem como os colegas de turma. Esse suporte, torna-se fundamental para que a criança flua em seu aprendizado, e torne-se, com o passar do tempo, mais independente na execução de seus trabalhos. Segundo Ribeiro e Novais (2022, p.69)

Nas abordagens de Mediação Pedagógica fomentadora do processo de ensino e aprendizagem o conceito de Vygotsky acerca da zona de desenvolvimento proximal, que aborda o processo de significação considerando a importância do outro no desenvolvimento humano, em que a articulação arrolada à ação conjunta, no diálogo e no reconhecimento do estudante em suas necessidades, motivos e sentidos de seu pensamento, que podem criar possibilidades de desenvolvimento. (Ribeiro e Novais, 2022, p.69)

Para garantir que o aluno surdo tenha acesso ao conhecimento, é importante adotar estratégias que facilitem a comunicação e torne o ensino mais acessível. A postura do professor desempenha um papel fundamental, embora saibamos que o estudante surdo é da escola e, por tanto, toda equipe escolar tem o papel de contribuir para que o aluno surdo se sinta acolhido, aprenda e se desenvolva plenamente. De acordo com Ribeiro e Novais (2022):

A relação educando e educador, portanto, exige do educador uma sensibilidade para compreender como o educando está reagindo ao processo de ensino e aprendizagem, para que as estratégias possam ser lançadas de acordo com a interação entre sujeito conhecedor e o objeto a conhecer. (Ribeiro e Novais, 2022, p.73)

O professor precisa estar atento a como o seu aluno surdo está reagindo às atividades propostas, observando quais as dificuldades aquele aluno possa ter e organizando suas estratégias conforme o necessário. Dessa forma a aprendizagem flui de maneira natural, permitindo que o educando seja participativo nas aulas e desenvolva suas habilidades de maneira eficaz.

Quando o professor tem o conhecimento em Libras, contribui significativamente para o desenvolvimento educacional do seu aluno. Outro ponto importante é a autonomia daquele aluno surdo, o professor sabendo a língua, o aluno irá se sentir mais seguro em ir até o professor tirar dúvidas, participar das aulas e ter uma boa interação com ele e com a turma.

De acordo com Lopes (2012, p. 247), “[...] a falta de conhecimento suficiente de Língua de sinais, por parte dos professores, para que, em momentos de atendimentos individualizados, possam fazer contato direto com seus alunos [...]”. Uma grande parte dos professores do ensino regular não tem tanto conhecimento da Libras, muitas vezes, por poucas oportunidades de formação oferecidas pelo governo.

Diante disso o aluno surdo precisa do intérprete de Libras para produzir o saber com o aluno, causando vários impactos no cotidiano escolar, sempre dependendo de um intérprete em todos os momentos. A falta de interação do professor com seu aluno pode causar um sentimento de exclusão diante de algumas situações, até mesmo uma dúvida que o aluno venha ter em algum momento específico em que não tenha a presença do intérprete naquele momento, ele irá se sentir constrangido em não poder se comunicar com a professora e com os seus colegas ouvintes se comunicam. Então é essencial que o professor conheça bem a Libras, se interesse e se aprofunde para conhecer mais sobre a cultura surda, assim ele demonstrará mais valorização e respeito ao aluno.

Quadros (1997, p. 22) afirma que “os profissionais que trabalham com surdos não duvidam de que o processo da aquisição da língua falada pelo surdo jamais ocorre da mesma forma que acontece com a criança que ouve, porque esse processo exige um trabalho sistemático e formal”. Sabemos das dificuldades que o surdo tem na aquisição da língua, não é a mesma coisa para um aluno ouvinte, a maioria dos casos esses alunos surdos não tem o contato direto com a Libras, são filhos de ouvintes que não tem o conhecimento da Língua de sinais que, por muitas vezes, priva o seu filho de aprender por preconceitos.

Daí parte a importância de ter profissionais bem preparados, como intérpretes de Libras e professores para que essa mediação seja eficiente, possibilitando que os alunos surdos participem ativamente das atividades escolares e se desenvolvam plenamente.

4. O Papel do intérprete de Libras no contexto educacional

Santos (2013) explica que o intérprete de Libras faz a mediação entre o professor e o aluno. Dessa forma a presença do intérprete em sala de aula é fundamental para o conhecimento ser construído com o aluno surdo, e essa mediação não é apenas linguística, mas também social e cultural. Para Corcini (2012, p. 49) “os intérpretes de Libras devem reunir-se com os professores para pensar em estratégias de ensino para facilitar o aprendizado para o aluno”. Com isso percebemos que o papel do intérprete vai além da interpretação, ele

deve estar sempre com o professor planejando juntos e adaptando metodologias de ensino individualmente para as necessidades daquele aluno surdo.

O papel do professor regente é planejar e ministrar suas aulas, adaptando suas metodologias conforme a necessidade do seu aluno. Quando pensamos em lecionar para o aluno surdo, o professor deve buscar práticas pedagógicas voltadas para o seu aluno surdo junto com o intérprete de Libras, para melhor desempenho daquele aluno.

O intérprete, ele é um mediador que auxilia o professor, fazendo uma tradução simultânea entre Língua Portuguesa e a Libras, ele também facilita a comunicação aos demais alunos e colaboradores da escola, promovendo uma interação e participação no âmbito escolar.

A lei nº 12.319/10 regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras), essa lei garante que os profissionais de Libras possam atuar em diversos locais, tais como: unidades de saúde, espaços de trabalhos, eventos sociais, processos judiciais, e claro, em salas de aula e unidades educacionais.

Deste modo, o intérprete de Libras tem papel fundamental no cotidiano das pessoas surdas, dando sua contribuição para o fortalecimento dos direitos dessas pessoas, bem como, proporcionando oportunidades de participação e pleno convívio em sociedade, atuando como mediador entre aluno surdo, professores e colegas, promovendo assim, a comunicação entre ambos. Podemos ainda dizer que o intérprete é o facilitador e promotor da inclusão social do aluno surdo, ajudando a combater o preconceito e a exclusão social, possibilitando que a pessoa surda tenha participação ativa nos diversos setores da sociedade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, que se configura como de campo, Gil (2002, p 53) defende que “o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”. Para o autor é fundamental o estudo em campo, pois permite a observação direta, permitindo observar como as interações acontecem no seu contexto natural.

A pesquisa foi realizada na cidade de Apodi, que fica localizada aproximadamente 341 km da capital Natal, no Rio Grande do Norte. Atualmente na cidade somam 37.390 habitantes conforme o IBGE em 2024. Apodi é conhecido regionalmente pelas suas riquezas naturais e culturais.

A escola pública onde a pesquisa foi realizada atende alunos do nível médio ao técnico, estão matriculados 720 alunos, sendo dois alunos surdos, em horário integral, com 2 intérpretes de Libras e 52 professores. Esta unidade educacional, possui amplo espaço de convivência para professores e alunos, com 14 salas de aula climatizadas, laboratório, suporte AEE, quadra poliesportiva, salão para eventos, banheiros e cozinha.

A pesquisa foi realizada com um professor e um intérprete de Libras, fazendo com que os participantes pudessem expressar melhor suas experiências vividas de forma livre. Também foi feita uma visita de campo na escola, devido a instituição já ter concluído o ano letivo e está de férias escolares, optamos, assim, pelo instrumento de pesquisa: questionário com perguntas abertas organizadas no *Word* e enviadas pelo *WhatsApp*.

Para esse estudo, foi realizada previamente uma conversa com a diretora da escola, da qual foi solicitada a permissão para a realização da pesquisa, onde prontamente autorizou o prosseguimento dessa pesquisa. Em seguida, conversamos com o professor e o intérprete, relatando como se daria o questionário, expondo os objetivos que seriam alcançados ao fim do trabalho, após esse momento foram realizadas as análises das informações coletadas.

4 ANÁLISES E DISCUSSÃO

O questionário foi enviado para o professor e a intérprete de Libras, no dia 25 de novembro de 2024, pois, devido a escola estar no final do ano letivo seguindo para férias, achamos por bem, realizar dessa forma, atendendo os prazos para a conclusão desta pesquisa. A fim de preservar a identidade dos colaboradores, nesta análise, iremos apresentar os dois profissionais que responderam, os nomes fictícios são: Rafael (professor) e Paula (intérprete).

Percepção do professor sobre a mediação pedagógica

O professor Rafael, graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, já com 4 anos de atuação e 3 anos ensinando na rede pública estadual, onde leciona a disciplina de história, possuindo um aluno surdo em sua turma.

Inicialmente, buscamos identificar o nível de conhecimento do professor sobre a Libras, bem como, sua experiência em ensinar alunos surdos. O professor Rafael respondeu:

Que o conhecimento sobre Libras advém de duas experiências. “A primeira foi a convivência ainda como aluno com um colega de escola que se comunicava, e a outra foi com a disciplina acadêmica”. Essa tem sido a primeira experiência de lecionar para um(a) aluno(a) com essa atenção. Os desafios são diários, (2025).

Podemos perceber que o professor não detém o contato com a Língua Brasileira de Sinais, já que ficou claro que as experiências vividas por ele foram insuficientes para que pudesse ter uma melhor interação com seu aluno. Ele revela ainda que está sendo a sua primeira experiência com educando surdo em sala de aula. É um novo aprendizado para ele também. Ele tem consciência dos desafios, mas busca desenvolver um trabalho que atenda às necessidades dos discentes, já que ele tem conhecimentos prévios sobre Libras.

Ao falar sobre formação direcionada para lecionar para alunos surdos, o professor diz: *“Nunca participei de formação específica para Libras, (2025)”*. Aqui o professor reforça o que abordamos acima, onde ele reafirma não ter o conhecimento necessário para lecionar ao aluno surdo, já que o mesmo não possui formação pela escola sobre a educação de surdos e Libras.

Indagado sobre as dificuldades em ensinar para aluno surdo e quais as possibilidades nesse processo, ele relata:

São muitas dificuldades. Isso decorre do fato da falta de conhecimento e prática na Língua. As possibilidades se mostram em atitudes muitas vezes simples, como a conversação mais pausada e falar de maneira que o educando consiga realizar leitura labial, (...) Porém, na dinâmica de sala muito plural, essas atitudes mínimas acabam não ocorrendo, (2025).

Como mencionado um pouco mais acima, uma das principais dificuldades sentidas pelo professor para lecionar ao aluno surdo, é a ausência de conhecimento em Libras, não há formação sobre essa temática em específico. Uma vez que isso ocasiona ao docente a impossibilidade de uma interação mais aprofundada, como ainda, um melhor desenvolvimento no compartilhamento do conteúdo. De acordo com Barbosa e Fernandes (2019):

Na área educacional, apesar de muitas leis terem sido criadas no sentido de abranger o público-alvo da educação especial, garantindo que todos os alunos tenham acesso a todas as oportunidades educacionais e sociais da escola, ainda hoje pode ser percebido que os paradigmas da inclusão

persistem e as escolas não se encontram preparadas, tanto em suas estruturas físicas e acessibilidades, mas principalmente quanto aos seus currículos escolares e projetos políticos pedagógicos, assim como desfavorecendo com a formação dos professores no saber lidar com situações adversas de inclusão individual. (Barbosa e Fernandes, 2019, p.15)

Em seu trabalho, as autoras destacam as lacunas que ainda estão abertas no âmbito escolar, onde mesmo com a existência de leis que garantem que todos os educandos tenham acessos educacionais, bem como sociais, ainda são perceptíveis a falta de preparo dos professores, a ausência de melhoramento na estrutura escolar, e também projetos que contribuam para uma melhor atuação dos professores, por isso que a comunidade surda brasileira luta por uma educação bilíngue.

Sobre as estratégias, metodologias e recursos utilizados no ensino do aluno surdo, ele nos diz que: *“Como lembrado acima, são poucas as possibilidades estratégicas quando não se tem prática específica para esse(a) aluno(a). Talvez, menciono, o fato de em aulas expositivas (faladas e escritas), o educando com essa atenção consiga acessar com mais autonomia a aula (2025)”*.

Nesta fala, Rafael relata serem poucas as possibilidades estratégicas, isso ocorre, segundo ele, pela ausência de prática que o possibilite atuar com o aluno surdo. Ao mesmo tempo, ele reforça a importância das aulas expositivas, as quais, segundo ele, fazem com que o aluno surdo tenha um melhor acesso à aula. É interessante e verdadeiro o comentário feito pelo professor, uma vez que sabemos que os profissionais docentes não têm tanto conhecimento em relação à Libras, bem como também é verídico, que quando ele fala em aulas expositivas, refere-se a materiais de cunho visual, que possam proporcionar ao aluno surdo, uma melhor aprendizagem durante as aulas através dessas metodologias de ensino.

A respeito da importância da parceria entre professor e intérprete de Libras, ele responde: *“A ausência de um intérprete de Libras em sala de aula com alunos(as) com essa atenção seria o mesmo que ignorar a própria presença da pessoa assistida. A parceria é um imperativo inquestionável. Só há educação para pessoas com necessidades auditivas se houver o profissional adequado (2025)”*.

O docente reforça a fundamental importância do tradutor e intérprete de Libras numa sala de aula com aluno surdo, como também, destaca a parceria primordial entre o professor e o intérprete, para que juntos, possam atender as necessidades desse aluno.

Abordado sobre como acontece a interação do aluno surdo com os demais em sala de aula, ele diz que:

Pessoalmente, cumprimento em Libras e busco junto, na medida do conveniente, saber junto às intérpretes a situação de compreensão do educando sobre a aula. Ou seja, como o conhecimento sobre a língua é limitado, a interação direta, que seria ótimo para a sensação de autonomia do(a) aluno(a) é prejudicado, mas, os(as) intérpretes do estabelecimento que leciono suprem essa lacuna (2025).

O professor Rafael comenta a dificuldade que sente para se comunicar com o seu aluno surdo, devido a falta de conhecimento na língua, mas consegue preencher essa lacuna por meio da presença da intérprete. É compreensível que haja essa dificuldade por parte do professor, uma vez que sabemos da existência da intérprete em sala de aula, mas a responsabilidade para com os alunos, é da escola como um todo. O que o professor sente em relação a lecionar ao aluno surdo, é ocasionado pela falta de planejamento e uma interação um pouco mais aprofundada entre ele, a intérprete e os demais profissionais que compõem o corpo escolar, visto que os docentes não têm um planejamento coletivo junto à intérprete.

Quando questionamos sobre a inclusão do aluno surdo nas atividades de sala e ações da escola, o professor responde:

Uma observação importante. Eu não conheço no sistema educacional geral um estabelecimento que esteja preparado para incluir uma pessoa com alguma atenção especial. Isso é péssimo e revela o grau de descaso com a educação, principalmente, do público que precisa de mais direcionamento. Isso reflete na prática cotidiana de professores. Resta o básico. O(a) aluno(a) é aparentemente incluído por meio de atividade em grupo (2025).

Nessa abordagem, Rafael deixa evidente a falta de estrutura que a escola pública carece, uma vez, para que o aluno surdo possa ser bem assistido no âmbito escolar, é necessário a implementação de materiais pedagógicos bilíngues, voltados para atender as necessidades daquele aluno. Isso se dá desde um material didático de cunho visual, ao qual o aluno possa manusear o objeto específico, como também uma placa que possa orientá-lo na hora de ir ao banheiro, por exemplo. O uso de ferramentas direcionadas para atender a necessidade do aluno surdo é de grande significância, uma vez que essa prática proporciona ao discente a sensação de independência e autonomia.

Ao citarmos a estrutura da escola, se a mesma se encontra preparada e acessível para o aluno surdo, Rafael comenta:

A resposta acima responde em parte. Mas, acrescento o seguinte. O estado e muitos profissionais em educação, no geral parecemos estarmos conformados. A velha frase “é assim mesmo” parece nos conformar. Quando na verdade, é tudo muito insuficiente. Por exemplo. Como um(a) aluno(a)

pode se sentir incluída na dinâmica de uma escola, qualquer que seja, se ela só consegue se comunicar com fluência com o(a) intérprete. Falta política de capacitação para todos, ou seja, ação coletiva, inclusive, do alunado geral (2025).

Nesta fala, Rafael destaca um certo comodismo por parte dos demais professores, relatando que ele e os demais demonstram estarem satisfeitos com o modo atual como a educação vem sendo conduzida, uma vez que para ele, o sistema de ensino carece de capacitação para os profissionais da educação, e ainda, não menos importante, qualificação para os alunos.

Finalizamos o questionário com professor pedindo que ele sugerisse alguma coisa que pudesse contribuir com o melhor desenvolvimento de seu trabalho, ele nos diz:

A resposta imediatamente acima, ajuda nessa. Uma sugestão é a inclusão na grade curricular da Educação Básica a disciplina ministrada por profissionais específicos sobre as diversas formas de comunicação com quem quer que necessite dessa atenção. Olha que irracional. Se aprende no mínimo duas línguas estrangeiras no nosso currículo e não se menciona o fato dessa da LIBRAS que é uma realidade imediata nas escolas. Com essa formação mínima que se expandiria a toda escola, a inclusão seria um pouco melhor (2025).

Aqui, o professor destaca a ironia que ocorre na educação, quando ele menciona que o aluno tende a estudar duas disciplinas de línguas estrangeiras, como por exemplo: inglês e espanhol, mas contraditoriamente não tem incentivos para aprender a Língua Brasileira de Sinais, onde dessa maneira, o aluno sente dificuldades em se comunicar com o colega surdo. Sabemos que atualmente está em trâmite o Projeto de Lei nº 6.284/19 que propõe o ensino obrigatório da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em todas as etapas da educação básica no Brasil, mas vamos aguardar a aprovação da lei e sua implementação.

Impressões da intérprete de Libras sobre a mediação pedagógica

A intérprete Paula, graduada em Letras Libras pela Universidade Federal do Semi-Árido - UFERSA, começou sua atuação como bolsista em uma escola da rede pública estadual, em Apodi - RN no ano de 2017, ela atua no turno matutino, fazendo a interpretação para dois alunos surdos, em turmas diferentes, onde ela faz a troca de turma com uma outra colega intérprete.

Com a intérprete Paula, iniciamos o questionário pedindo para ela expor quais os principais desafios e possibilidades de atuar como intérprete na escola, ela responde: *“Desafios: falta de reconhecimento e de conhecimento dos outros profissionais sobre o que é o papel do intérprete e o que compete ao profissional, as possibilidades é promover a comunicação do aluno com os demais colegas e professores (2025)”*.

Paula relata a carência existente nos professores que com ela atuam em relação a Libras, uma vez que os docentes dão pouca importância ao trabalho do intérprete, gerando uma desvalorização para essa profissional.

Ao falarmos sobre a relação de trabalho com os demais professores e se ocorre um planejamento coletivo, Paula relata: *“A relação se dá em sala, através de dúvidas e dicas de como trabalhar com o aluno, até o momento nunca houve planejamento juntos (2025)”*. Nesse ponto, a intérprete nos fala não haver um planejamento entre ela e os docentes, onde a única comunicação entre eles ocorre somente em sala de aula. Berberian (2012) afirma:

Podemos notar que, em geral, os professores responsabilizam os intérpretes pelo processo de ensino-aprendizagem do surdo, porém, não mantêm uma inter-relação de parceria com os mesmos, convidando-os a participar do planejamento escolar e discutindo sobre os conteúdos a serem abordados. (Berberian, 2012, p.88)

É de suma importância que o professor e o intérprete discutam com antecedência o que será trabalho em sala de aula, tendo por objetivo um melhor desenvolvimento das aulas, como também uma melhor interação entre ambos. É importante, por exemplo, que o professor disponibilize previamente para a intérprete de Libras o material que será usado na aula, a fim de promover uma interpretação de qualidade.

No quesito de relacionamento do aluno surdo com os demais colegas e como ocorre essa relação durante a aula, a intérprete diz: *“O aluno conversa com os seus colegas através da intérprete, e tem uma boa relação, os alunos gostam de incluir nos trabalhos e provas (2025)”*. Aqui Paula nos diz que o aluno surdo tem uma convivência muito boa com os colegas, interagindo sempre em todas as atividades, buscando sempre o contato durante as aulas e os trabalhos produzidos em sala de aula.

Questionada se o aluno surdo está sempre incluído nas atividades de sala de aula e na escola, Paula comenta: *“Sim, através do trabalho dos intérpretes (2025)”*. Em sua fala, a intérprete nos diz que a escola sim, conta com a presença do profissional em Libras, a fim de promover o acompanhamento ao aluno surdo. Embora saibamos que mesmo que o aluno

tenha o acompanhamento com o intérprete, não assegura a sua inclusão completa na escola e não garante que a aprendizagem está sendo efetiva.

Para uma verdadeira inclusão é necessário que o professor adapte suas metodologias em diálogo com a intérprete, como também que sejam dadas as condições de igualdade com relação a aprendizagem dos colegas ouvintes, promovendo o acesso a materiais visuais e bilíngues (Libras-Português), imagens, vídeos em Libras e legendados bem como materiais adaptados que possam atender a necessidade do aluno surdo.

Ao trabalhar com os estudantes surdos no espaço escolar, o intérprete de Libras passa a ter um compromisso com a construção do conhecimento desses alunos, interpondo-se como um mediador nesse processo, o que traz novos desdobramentos para sua atuação profissional. (Silva e Oliveira, 2016, p.695)

Os autores reafirmam a importância do intérprete de Libras, uma vez que eles fazem além da tradução e interpretação, ou seja, são mediadores da comunicação entre o professor e o aluno, colaborando diretamente na construção do conhecimento.

Sobre se a escola deve estar devidamente preparada e acessível para o aluno surdo, a intérprete diz: “*Sim, possui auxílio de intérprete (2025)*”. Berberian (2012) defende que:

Chamamos atenção para o fato de que a participação do intérprete de língua de sinais, em sala de aula, não garante que outras necessidades da pessoa surda, também concernentes à sua educação, sejam contempladas. Enfim, a presença do intérprete não assegura que questões metodológicas, levando em conta os processos próprios de acesso ao conhecimento, sejam consideradas ou que o currículo escolar sofra adequações para contemplar particularidades dos surdos. (Berberian, 2012, p.89)

A autora reforça que não basta ter apenas o intérprete presente em sala de aula, isso envolve mais alguns fatores, como por exemplo: metodologias de ensino adaptadas, professores capacitados em Libras, infraestrutura acessível, dentre outros.

Ao fim do questionário, pedimos para ela sugerir algo que possa contribuir com o seu trabalho, a intérprete sugeriu: “*Seria muito importante que houvesse cursos e formações na área para aperfeiçoamento, como também voltados para os outros profissionais da escola para poder se comunicar diretamente com o aluno*”.

A intérprete destaca a importância da formação continuada, não só para o intérprete, mas para toda equipe escolar. É essencial que todos da escola conheçam a Libras, para que o aluno possa se sentir incluído. Barbosa e Fernandes (2019) afirmam que:

As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade (...).(Barbosa e Fernandes, 2019, p.25)

As autoras afirmam que é fundamental que a instituição ofereça uma educação de qualidade, organizando seu currículo para cada necessidade específica, assim garantindo uma inclusão igualitária.

O professor Rafael, demonstrou e relatou sentir bastante dificuldade para lecionar, bem como interagir com seu aluno surdo. Também apontou falhas e carências no ensino público para alunos surdos. Uma vez que ele relata a falta de estrutura e capacitação para os professores da rede pública de ensino, algo que ele e a intérprete de Libras consideram de suma importância aos profissionais da educação, que sejam aprimorados e capacitados para atuarem de uma melhor forma no ensino de alunos surdos. Para Berberian (2012, p.57) “Sem formação, os professores, por mais bem-intencionados que estejam, não conseguem modificar suas práticas”.

A dificuldade que muitos professores enfrentam para transformar suas práticas pedagógicas, mesmo quando estão motivados a fazê-lo. Isso ocorre porque a formação docente, muitas vezes, não possui suporte suficiente para mudanças significativas em sala de aula. Além disso, fatores como falta de recursos, podem dificultar a implementação de novas metodologias.

Essa prática também desempenha um papel de fundamental importância, pois os professores tendem a aplicar os métodos com os quais foram ensinados. Deste modo, para que aconteça uma verdadeira mudança, é importante que a formação continuada seja mais efetiva e que o ambiente escolar possa oferecer melhores condições para inovação, evolução e adaptação das práticas pedagógicas.

Podemos perceber, que a intérprete Paula, através de sua vivência em sala de aula e com sua prática em Libras, atuando no auxílio para com os alunos surdos, relata sentir falta de uma melhor valorização por parte de seus colegas professores em relação ao seu trabalho. Percebemos ainda, que a intérprete sente que falta capacitação para os professores, algo que para ela, iria melhorar de forma bastante significativa, melhorando a interação entre o professor e o aluno surdo. Segundo Berberian (2012, p.86) “É preciso entender o contexto da

formação do intérprete e de suas dificuldades na prática educacional, pois a interpretação não é mera decodificação”.

A autora destaca a importância do intérprete de Libras em sala de aula, que não é somente uma tradução de palavras, mas sim, uma conjunção de aspectos culturais, linguísticos e pedagógicos, fazendo com que a intérprete adapte as mensagens, a fim de garantir que o aluno surdo possa compreender o conteúdo que é ensinado em sala. Deste modo, o papel da intérprete não se limita a tradução de uma língua a outra, mas sim, um envolvimento entre mediação e conhecimento de maneira objetiva.

Diante disso, podemos perceber que o professor não possui conhecimento efetivo na Língua Brasileira de Sinais, prejudicando assim, a interação entre o professor e o aluno surdo, uma vez que se torna algo complexo a ser posto em prática se o mesmo não detém de conhecimentos específicos para este fim. Neste contexto, a mediação pedagógica entre professor e intérprete acontece de forma carente, já que não existe um planejamento coletivo entre ambos, onde os mesmos possam construir juntos um plano de aula voltado para um melhor desenvolvimento e interação entre todos, ou seja, professor, intérprete e alunos.

Em se tratando de unidade escolar, percebemos que falta por parte da secretaria de educação, um maior suporte, como por exemplo, cursos de capacitação destinados aos professores da rede pública de ensino, com a finalidade de capacitar os profissionais sobre a educação de surdos e Libras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo, objetivamos analisar a mediação pedagógica entre professores e intérpretes de Libras em uma escola pública de Apodi-RN. Diante desta investigação, compreendemos o tamanho da importância da contribuição dos profissionais incluídos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos. Além disso, analisamos a significância das estratégias de ensino que contribuam para com uma comunicação acessível e considerável.

Nesta pesquisa, pudemos observar a falta de preparo do professor para lecionar para um aluno surdo, bem como sua interação com o mesmo. Uma vez que o mesmo não consegue se comunicar com seu aluno sem a presença da intérprete de Libras. Essa carência, ao nosso olhar, se dá pela falta de maior investimento por parte da Secretaria de Educação, onde o qual, deveria ofertar aos professores da rede pública de ensino, cursos de capacitação voltados a

Libras, para que deste modo, o docente pudesse sentir-se apto tanto no momento de lecionar ao aluno surdo, bem como interagir e comunicar-se com o mesmo.

Por meio dos relatos feitos pela intérprete durante esta pesquisa, foi notório observar as diversas barreiras que ela enfrenta em seu dia a dia, os obstáculos que a mesma tem que superar no ambiente escolar, onde destacamos a falta de reconhecimento por parte dos colegas professores, como também a ausência de um planejamento coletivo entre a intérprete e os professores.

Em se tratando de contribuições acadêmicas, este artigo visa contribuir com a educação de surdos no aperfeiçoamento da compreensão em relação a mediação entre professores, intérpretes e alunos surdos. A pesquisa torna explícita a carência de estratégias pedagógicas, as quais, têm a urgência de aprimoramento para que possam garantir que aconteça uma mediação entre os mesmos de maneira constituída, favorecendo o aprendizado do aluno surdo.

Esta pesquisa tem papel social positivo, ao reforçar a importância de uma educação bilíngue, já que a inclusão escolar não atende as necessidades linguísticas dos estudantes surdos. Defendemos a importância da mediação pedagógica que impacta significativamente na vida social do aluno surdo, a valorização do trabalho colaborativo entre professor e intérprete, que permite a escola torna-se um ambiente mais acessível. Por mais, dá enfoque aos desafios e proposições para se pensar uma educação de qualidade para os surdos.

O referido trabalho terá continuidade em um futuro próximo na pós-graduação, pois, percebemos a carência de estudos e capacitações voltados para a mediação pedagógica entre professores e intérpretes, como também, a importância desta temática que pode proporcionar ao aluno surdo um melhor aprendizado, e aos profissionais, uma melhor atuação, contribuindo para uma educação equitativa.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, S. R.; FERNANDES, E. M. **Mediação Pedagógica e Inclusão: Formação Inicial e Continuada de Professores**. Hypatia. Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. *Presidência da República*. Brasília, DF.

BRASIL. Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras.** *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Tem por finalidade organizar a educação no Brasil.** *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*: Brasília, DF.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.** *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*: Brasília, DF.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021. **Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para dispor sobre a educação bilíngue de surdos.** *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, 2002

GIROTO, C. R. M.; MARTINS, S. E. S. de O.; BERBERIAN, A. P. **Surdez e Educação Inclusiva.** Cultura Acadêmica. São Paulo, 2012.

LOPES, L. **O papel do intérprete de Libras no contexto escolar.** Universidade São Francisco. Itatiba, 2020.

LOPES, M. C. **Cultura surda e Libras.** Editora Unisinos. São Leopoldo, RS, 2012.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem.** Porto Alegre, 1997.

RIBEIRO, C. P.; NOVAIS, G. S. **Mediação pedagógica, um conceito potente e ausente? O que diz a produção acadêmica no Brasil.** Catalão - GO, 2022.

SILVA, K. S. X.; OLIVEIRA, I. M. de. **O trabalho do intérprete de Libras na escola: Um estudo de caso.** Educação e realidade. Vitória - ES, 2016.